



# A QUINZENA

*Coordenação*  
Cláudio Martins  
Ribamar Lopes

*Introdução .*  
Mozart Soriano Aderaldo

*Projeto Gráfico  
e recuperação dos originais*  
Geraldo Jesuíno  
Alberon Soares

*Reprodução fotográfica*  
José Albano

*Normalização e Índice*  
Maria da Conceição Souza

*Apoio Financeiro*  
Banco do Nordeste do Brasil S/A

*Fotolito, Impressão e acabamento*  
*Gráfica do BNB*

Fortaleza - Ceará  
Brasil

**1984**

# A QUINZENA

PROPRIEDADE DO CLUB LITTERARIO



**Edição fac-similar**

*Organização*  
*e*  
*Supervisão*  
**Cláudio Martins**



**bnb**

1984

## Nótula



Há pouco mais de um ano, a Academia Cearense de Letras, amparada financeiramente pela Prefeitura Municipal de Fortaleza e subsidiada por ajuda técnica da Universidade Federal do Ceará, reeditou por processo fac-similar, os 36 números do periódico "O Pão", da *Padaria Espiritual*.

Agora chega a vez de *A Quinzena*, outro marco expressivo da intensa atividade literária desenvolvida, neste Estado, em fins do século XIX.

De fato, a partir dos "Oiteiros", espécie de Salão palaciano, incentivado pelo Governador da Província, Manuel Inácio de Sampaio, "homem inteligente, culto, assim dado às armas como às letras", como anota, em citação, Dolor Barreira (1), a Terra da Luz pendeu, decisivamente, para o plano espiritual, vocação inarredável, que tomaria feição associativa acentuada, nas décadas de 70 e seguintes.

Para dar uma idéia do que ocorreu, nesse tanto, até 1.900, recordaremos que Leonardo Mota, em seu livro *A Padaria Espiritual* (2), decalcado em rápida pesquisa, arrola 37 agremiações culturais, avultando dentre elas a *Academia Francesa* (1873), movimento filosófico liderado por Tomás Pompeu, Rocha Lima, Capistrano de Abreu, Araripe Junior, João Lopes e outros; o *Clube*

*Literário* (1886), inquestionavelmente credor de um momento glorioso de nossa vida intelectual, e a *Padaria Espiritual*, abertura premonitória de idéias renovadoras que exsurgiriam desabusadamente, em 1922, com a Semana de Arte Moderna.

Na aguda opinião de Antonio Sales, o *Clube Literário* assinou “a época mais saliente de nossa vida literária.” (3)

Foi para atestar esse justíssimo conceito e furtá-la a trágico esquecimento, que resolvemos reproduzir, fac-similarmente, *A Quinzena*, decerto o fruto maior da prolífica atividade cultural que lhe deu destaque e esplendor.

Não é sem razão que o Barão de Studart a considera “o renascimento literário do Ceará.” (4)

Foi aí, com efeito, que se revelaram o talento artístico de Oliveira Paiva, a prosa erudita do cronista João Lopes, a versatilidade do filósofo-poeta Farias Brito, a polimorfa acuidade mental de José Carlos Jr., Abel Garcia, José de Barcelos, Juvenal Galeno, Justiniano de Serpa, Rodolfo Teófilo, Francisca Clotilde, e quantos mais... (5)

Advirta-se que chegar a este resultado constituiu trabalho penoso. Não fora a extraordinária habilidade dos artistas conterrâneos Geraldo Jesuino e Alberon Soares, dificilmente conseguiríamos concretizá-lo, pois que pelo menos 3 números, num total de 24 páginas, da revista do *Clube Literário* se encontravam praticamente destruídos. Só a perícia e paciência desses dois admiráveis operários tornaram de pouca monta defeitos irremovíveis, que não prejudicam o valor da obra, como um todo.

Releva acrescentar que o material usado na recuperação nos foi cedido pelo escritor Fran Martins e pela pesquisadora Maria da Conceição Souza, credores, por isso, de nossa profunda gratidão.

Todavia, o mérito maior deste cometimento cabe, sem favor, ao Banco do Nordeste, que o financiou totalmente, além de acudir-nos com prestimosa ajuda técnica de seu parque gráfico.

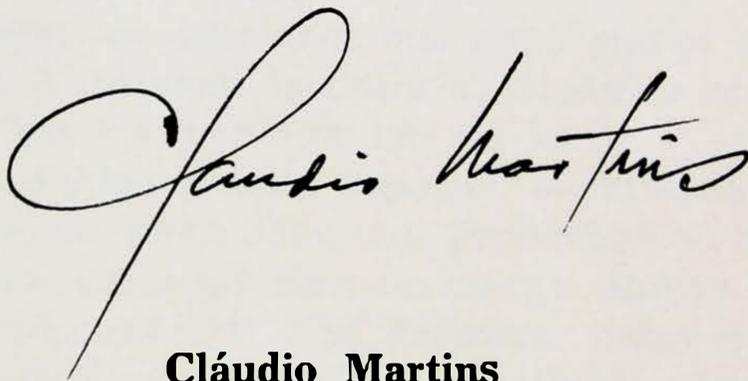
Ontem, era a sensibilidade de Nilson Holanda e sua equipe o nosso arrimo em empreendimentos desta ordem. Agora, Camillo Calazans de Magalhães, Edison Souza Leão Santos, Eduardo Moraes Oliveira, José Soares Nuto, Raul Edson de Almeida Barreto, José Eduardo Leite Parente, Roberto Gerson Gradwohl e Célio Loureiro Cavalcante, honrando as tradições culturais da eminente

instituição a que servem com desvelo, fazem-se responsáveis pela perpetuação de documento deste porte, acrescentando ao acervo cultural da Nação uma achega preciosa.

A eles, conseqüentemente, o ilimitado reconhecimento, não apenas da Academia Cearense de Letras, senão também de todo o povo cearense, fortalecido na fé que inspiram cidadãos assim tão nobremente esclarecidos.

### Notas

- (1) *In* História da Literatura Cearense. Fortaleza, Ed. Instituto do Ceará, 1948, I, p. 69.
- (2) Fortaleza, Edésio Editor, 1938, p. IV e V.
- (3) Cf. Dolor Barreira, op. cit., I, p. 116.
- (4) Dicionário Bibliográfico Cearense, Fortaleza, Minerva, 1915, v. 3.º, p. 214.
- (5) Cf. Dolor Barreira, op. cit., I, p. 119 a 121.



**Cláudio Martins**  
Presidente da Academia Cearense de Letras

## Renascimento Literário Cearense



O Ceará se tem mostrado pródigo em atividades culturais. Desde os “Oiteiros”, do Governador Manuel Inácio de Sampaio, movimento iniciado em 1813, até os dias atuais, não houve geração de cearenses que não organizasse o seu ou os seus grupos, cujos integrantes se arrimavam mutuamente para enfrentar, com galhardia, o espírito crítico do povo.

E foi esse desejo de afirmar-se que levou muitos ou quase todos os movimentos culturais do Ceará a diligenciar no sentido da publicação de uma sua revista ou um seu jornal.

“O Ceará não é salão de baile. É escola!” — diria, na terceira década do atual século, Sílvio Júlio, um pernambucano que aqui esteve por dois anos, como professor do Colégio Militar, e amou nossa terra profundamente. (1) José Veríssimo, como lembrou Leonardo Mota em livro sobre a “Padaria Espiritual”, não se tenha de dizer que, depois do Rio de Janeiro, “é Fortaleza a cidade do Brasil onde menos apagada é a vida literária”. Na citada obra, Leonardo Mota arrolou nada menos de 85 sociedades ou grêmios culturais, aludindo ainda a outros movimentos disseminados pelo interior do Estado. (2) Foi por isso mesmo que Gilberto Freyre identificou o Ceará, ao lado de Minas e Bahia, como sede de uma das três culturas brasileiras. “Precisa-se do Ceará!” — proclamou o Mestre de Apipucos, no ano de 1945, em conferência proferida no Teatro José de Alencar, de Fortaleza. E, na década de 1960, discorreu o mesmo pensador sobre “O Ceará de que se precisa”, insistindo no tema. (3)

Não obstante essa significativa amostra de quanto a inteligência cearense vem sendo valorizada, especialmente por escritores aqui não nascidos, não seria fácil explicar essa nossa propensão para os movimentos culturais. Terra pobre e sofrida, talvez desvessem os cearenses pensar primeiramente em outras coisas — diriam alguns.

A colonização de nossa Capitania, depois Província e hoje Estado, foi tardia e descontínua. A tentativa de Pero Coelho de Sousa (1603-1606) fracassou ante o primeiro flagelo de natureza climática que o homem branco europeu teve de enfrentar no Ceará. Igualmente fracassada foi a excursão dos jesuítas Francisco Pinto e Luís Figueira, em 1607-1608, o primeiro aqui morto e sepultado, enquanto o segundo seria, depois, sacrificado na região Norte do Brasil. Melhor sorte teria o jovem “guerreiro branco” Martim Soares Moreno, na segunda viagem que fez ao Ceará (1611-1613), pois aqui já estivera antes, compondo as hostes de Pero Coelho. Mas se, ainda dessa vez, demoraria pouco na barra do rio Ceará, chamado às lutas pela expulsão dos franceses no Maranhão, aqui estaria, pela terceira e última vez (1621-1631), realizando dessa feita uma razoável ação colonizadora. Não foi por acaso que Alencar o tomou de empréstimo como personagem da novela-poema que é *Iracema*. Suceder-se-ia o denominado “parêntese holandês”, em que se alceia a figura controvertida de Matias Beck. Parêntese que se encerraria com a posse, em 1654, do forte Schoonenborch pelo português Álvaro de Azevedo Barreto, que o crismou catolicamente com a denominação de Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção.

Durante muito tempo, modorrava, no marasmo descrito pelos historiadores e cronistas, a sede do governo da Capitania do Ceará. No início do século dezenove nossa capital ainda se arrastava em direção ao progresso, a ponto de Henry Koster exclamar, admirado: — “Não é muito para compreender-se a razão de preferência dada a este local”. (4)

No campo dos estudos, mal dispúnhamos de aulas de primeiras letras, com primitivo mobiliário e professores tirânicos e atrasados. “A instrução do povo bitolava-se a nível fraco, mais de portugueses ádvenas do que dos prata-de-casa”, conforme registro de Raimundo Girão. (5)

Destarte, não poderia causar admiração que também intelectualmente Fortaleza pouco ou nada significasse, o mesmo ocorrendo com o Ceará todo, pois Aracatí, Icó, Quixeramobim, Crato, Sobral e Granja, se eram pequenos polos de desenvolvimento eco-

nômico, com base no ciclo da pecuária, ainda mais atrasados se achavam culturalmente do que a capital do Ceará.

Necessário seria que viesse governar a Capitania Manuel Inácio de Sampaio, ensejando-se a realização de tertúlias no chamado "Palácio", a elas comparecendo os que ensaiavam os primeiros passos nas atividades intelectuais. Aconteceram os "Oiteiros", já aqui referidos e como que "descobertos" por Dolor Barreira, o autorizado pesquisador de nossos fastos literários. (6)

Logo após os "Oiteiros" apareceria o primeiro jornal cearense, o *Diário do Governo*, cujo número inicial traz a data de 1.º de abril de 1824. Malogrou-se o movimento, republicano e, quiçá, separatista, mas salvou-se a iniciativa, preconizadora de outras mais duradouras. Em 1840, a organização dos partidos políticos (Conservador e Liberal) determinou a circulação do jornal *Pedro II*, órgão do primeiro, e, seis anos depois, o liberal Thomaz Pompeu de Sousa Brasil faria circular o jornal *O Cearense*. Eram publicações eminentemente políticas, mas possibilitavam a divulgação das produções literárias. Nesse ínterim (em 1849, para sermos precisos) instalar-se-ia a primeira livraria de Fortaleza, que vendia e também alugava livros. Pouco tempo depois, em 1855, Pompeu divulgaria um *Compêndio de Geografia*, pioneiro entre os que se seguiriam até hoje. É de 1856 a publicação dos *Prelúdios Poéticos* de Juvenal Galeno, marco inicial da literatura cearense, para Antonio Sales.

Entre 1857 e 1859 surgiria o periódico literário *Estrela*, redatoriado por Antônio Bezerra e José de Barcelos. Para Tristão de Athayde, entretanto, marco importante nas atividades literárias cearenses, nessa época, foi a vinda de Gonçalves Dias à nossa Província, em 1859, integrando a Comissão Científica, ou Comissão das Borboletas, como nosso pilhérico povo a apelidou.

Iniciando uma segunda fase de nossas atividades literárias, surgiu em 1870 e atuou até 1875 a "Academia Francesa do Ceará", nela militando Capistrano de Abreu, Araripe Júnior, Rocha Lima e Pompeu Filho, que depois assinaria Dr. Thomaz Pompeu de Sousa Brasil, mesmo nome de seu ilustre pai, o Senador. Foi o primeiro grande movimento literário cearense, para Tristão de Athayde, caracterizando-se por seu cunho eminentemente filosófico. A *Fraternidade* é órgão que condensa o pensamento daqueles liberais-mações contra o posicionamento dos bispos Dom Vital, de Olinda e Recife, e Dom Macedo Costa, do Pará, gerador da Questão Religiosa, diplomaticamente resolvida por Caxias quando assumiu a chefia do Ministério. Ressalte-se, dessa fase, o livro *Crítica e Literatura*, do talentoso e cedo desaparecido ensaísta Rocha Lima,

com prefácio laudatório de Capistrano. É, também, dessa época a "Escola Popular" (1874), movida ainda sob os influxos do anti-clericalismo liberal-maçônico daquele tempo.

Estavam, finalmente, despertadas as atividades literárias no Ceará, sendo prova disso os poemas insertos em *Lira Cearense* e *Cenas Populares*, de Juvenal Galeno, os romances *O Ninho do Beija-flor* e *Jacina, a Marabá*, ambos de Araripe Junior, e os versos de *Sonhos de Moço*, de Antônio Bezerra, dentre outros.

Isto posto, criar-se-ia, em 1875, o "Gabinete Cearense de Leitura", destinado a cumprir sua destinação até que, no início da década de 1880, o Ceará todo se imbuiria da necessidade de apagar, de vez, a nódoa da escravidão. Foi este o segundo grande movimento cultural cearense, para Tristão de Athayde, identificando-se por sua feição político-social. Circulou, então, o *Libertador* e, sob sua égide, Antônio Bezerra, Justiniano de Serpa e Antônio Martins publicaram *Três Liras* e Oliveira Paiva se pronunciou com a divulgação de trabalhos seus, inclusive o romance *A Afilhada*.

Obtido o magnífico sucesso de 1.º de janeiro de 1883, quando Acarape aboliu a escravatura de sua circunscrição (passando por isso a denominar-se Redenção), e ocorrido o não menos belo episódio de 24 de maio do mesmo ano, em que Fortaleza se tornou liberta, antecedida e seguida nesse programa por outros municípios cearenses, foi afinal declarado imune da pecha do trabalho escravo todo o território do Ceará, em 25 de março de 1884, três anos antes da Lei Áurea.

O gosto literário de alguns abolicionistas levou-os à fundação, em 15 de novembro de 1886 (7), do "Clube Literário" (8) e da circulação do órgão do grupo, *A Quinzena*. (9) Nesse movimento labutaram Farias Brito, Oliveira Paiva, Juvenal Galeno, Antônio Bezerra, Antônio Martins, João Lopes, Abel Garcia, José de Barcelos e Francisca Clotilde, dentre diversos.

*A Quinzena* foi, desta forma, jornal de literatos que mal saíam de uma luta de natureza socio-política. (10) Assim devemos encarar esse periódico, a cujo respeito, bem como sobre o movimento que o inspirou, haveremos de tecer considerações mais desenvolvidas. Como, porém, não seria conveniente partir ao meio a seqüência de fatos históricos que compõem, de modo geral, a atividade literária no Ceará, complementemos de logo que, a esse movimento imediatamente posterior à campanha pela abolição da escravatura, haveriam de seguir-se a fundação do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico), em 1887, e, um lustro depois, a organização de outro grupo, o terceiro dentre os mais importantes para Tristão de Athayde, já então mais caracterizadamente literá-

rio que qualquer dos que o antecederam. Referimo-nos à “Padaria Espiritual”, cujo órgão, *O Pão*, mereceu reedição recente da Academia Cearense de Letras, sob a inspiração de seu dinâmico presidente Cláudio Martins. E é Cláudio Martins quem, agora, promove a reedição de *A Quinzena*, prestando indiscutível serviço à cultura cearense.

Encerremos este balanço, sinteticamente embora, pois outro é o objetivo destas palavras introdutórias à reedição de *A Quinzena*, com a relembração da fundação da Academia Cearense, depois Academia Cearense de Letras, em 1894, três anos antes da organização da Academia Brasileira de Letras; do “Centro Literário”, também de 1894; da “Iracema Literária”, com seu órgão *Praça do Ferreira*, de 1899; da “Casa de Juvenal Galeno”, em 1919. Lembremos, ainda, a repercussão da Semana de Arte Moderna, no Ceará, com os periódicos *Maracajá*, em 1928, e *Cipó de Fogo*, dois anos depois. É de 1935 a “Escola Moça de Cultura”, com Fran Martins, Yaco Fernandes, Antônio Girão Barroso, Marcos Botelho e mais alguns. O “Grupo Clã”, que teve como veículo oficioso o jornal *José*, de efêmera duração, e ainda tem como órgão oficial a revista *Clã*, perdura até os dias correntes. Finalmente, a criação da Secretaria de Cultura do Estado, inspiração de Raimundo Girão e concretização do Governador Plácido Aderaldo Castelo, tem ensejado a publicação de incontável número de obras e incentivado, direta ou indiretamente, a organização de novos movimentos, algum ou alguns dos quais haverão de frutificar para o futuro.

Mas voltemos a falar do “Clube Literário” e de *A Quinzena*, que para apreciá-los e situá-los fomos chamados por Cláudio Martins.

O “Clube” foi fundado por João Lopes, um dos participantes da “Academia Francesa do Ceará” (11), nele atuando Juvenal Galeno, Antônio Martins e Justiniano de Serpa, os “Poetas da Abolição” (12), e mais Oliveira Paiva (o admirável romancista de *Dona Guidinha do Poço*), Antônio Sales, Rodolfo Teófilo, Farias Brito e outros.

*A Quinzena* circulou de janeiro de 1887 a junho de 1888, no total de trinta números. Eram seus redatores João Lopes, Antônio Martins, José de Barcelos, José Olímpio (substituído por José Carlos Júnior), Oliveira Paiva, Antônio Bezerra, Justiniano de Serpa, Paulino Nogueira e Martinho Rodrigues. Colaboraram, ainda, nesse periódico Farias Brito, Papi Júnior, Ana Nogueira, Francisca Clotilde, Álvaro Martins, Juvenal Galeno e mais outros.

O "Clube", além de publicar *A Quinzena*, realizava sessões noturnas, ocasião em que interessantes discussões ocorriam em torno de teses de natureza cultural, movimentando destarte a pacata capital cearense.

Dolor Barreira, muito a propósito, salientou o fato de que *A Quinzena* marcou, nas nossas letras, período de incontestável animação e florescimento. (13) E o Barão de Studart chamou de "renascimento literário do Ceará" a fase por ele considerada "brilhante" do *Libertador* e de *A Quinzena*. (14) O entusiasmo de Dolor Barreira, inobstante seu reconhecido senso de equilíbrio, sem omissões nem exageros, levou-o a afirmar que *A Quinzena* foi "possivelmente a maior e mais importante das nossas Revistas no gênero". (15) O renomado historiador assim se expressava em 1948, ano da publicação do 1.º volume de sua notável *História da Literatura Cearense*. Anteriormente ao primeiro número de *Clã*, que é de fevereiro de 1948, embora o número experimental dessa revista (número zero) haja sido editado em dezembro de 1946.

Antônio Sales, muitos anos depois, numa perspectiva que lhe permitiria melhor dimensionamento do "Clube Literário" e de *A Quinzena*, chamou-o de "arena mais seleta" e ornamentou-a com o qualificativo de "bela". (16) E credenciou em prol do "Clube" e de seu órgão a publicação dos *Cantos Modernos*, de Farias Brito, e da *Lira Sertaneja*, do poeta piauiense H. Castelo Branco, além de vincular a esse movimento o romance *A Afilhada*, embora divulgada em rodapé do *Libertador*. (17) Em *A Quinzena*, o futuro autor de *Dona Guidinha do Poço*, primoroso romance somente transformado em livro muitos anos após a sua morte, publicou diversos contos, revelando sua própria identidade ou, de outra feita, escondendo-se sob o pseudônimo de "Gil". Quatro dos trinta números de *A Quinzena* publicaram o ensaio de Farias Brito intitulado *O Papel da Poesia*; três outros números seus divulgaram um estudo de Abel Garcia, sob o título de *A Mulher Cearense*; em dois outros números José de Barcelos discorreu sobre a obra do pedagogo Pestalozzi; José Carlos Júnior escreveu em *A Quinzena* um artigo sobre o Naturalismo e Abel Garcia criticou o romance naturalista de Pardal Mallet intitulado *O Hóspede*.

Quanto à poesia, no órgão do "Clube" foram publicadas diversas produções de nossos versejadores, uns já conhecidos e outros iniciantes (como Antônio Sales, que introduziu por baixo da porta da redação, sob pseudônimo, um seu soneto, depois publicado, assim se incorporando ao grupo e à sua revista). (18)

É para esse importante periódico que, a exemplo do ocorrido recentemente com *O Pão* (órgão da "Padaria Espiritual"), a Aca-

demia Cearense de Letras, sob a segura direção de Cláudio Martins, volve as suas vistas, reeditando-o, após tantos anos. A produção intelectual, como os melhores vinhos, mais se valoriza com o passar dos anos. Somente com a concretização deste cometimento será possível, à atual e às futuras gerações, conhecer diretamente o primoroso e ingente esforço de intelectuais, mal saídos de memorável campanha de natureza político-social, que tudo fizeram no sentido de que o Ceará recebesse os influxos de um verdadeiro “renascimento literário”.

## Notas

- (1) Júlio, Sílvio, *Terra e Povo do Ceará*, Rio de Janeiro, Ed. R. Carvalho e Cia. Ltda., 1936, p. 29.
- (2) Mota, Leonardo, *A Padaria Espiritual*, Fortaleza, Edésio Editor, 1938, p. III.
- (3) *A propósito do cearense: Sugestões em torno da sua etnia e do seu “ethos”*, in *Estudos Universitários*, Recife, vol. 6, n.º 4, out.-dez. 1966, ps. 22 a 37.
- (4) Koster, Henry, *Viagem ao Nordeste do Brasil — “Travels in Brazil”*, tradução de Luís da Câmara Cascudo, Companhia Editora Nacional, São Paulo — Rio de Janeiro — Recife — Porto Alegre, 1942, p. 165.
- (5) Girão, Raimundo, *Educandários de Fortaleza*, in *Revista do Instituto do Ceará*, tomo LXIX, 1955, p. 50.
- (6) Barreira, Dolor, *Associações literárias e científicas no Brasil, e particularmente no Ceará — Oiteiros*, in *Revista do Instituto do Ceará*, tomo LXII, 1943, ps. 148 a 156, e *História da Literatura Cearense — 1.º Tomo*, Editora Instituto do Ceará Ltda., Fortaleza, 1948, ps. 67 a 73.
- (7) Mota, Leonardo, o.c., dá o “Clube Literário” como fundado em 1884, equivocando-se.
- (8) Barreira, Dolor, o.c., p. 116, salienta que o Barão de Studart, sempre pressuroso e diligente, não registra, em *Datas e Fatos para a História do Ceará*, a fundação do “Clube Literário”.
- (9) *A Quinzena* apareceu pela primeira vez a 15 de janeiro de 1887. “Tinha oito páginas e com estas mesmas páginas se conservou enquanto viveu”. (Dolor Barreira, o. c., p. 118).
- (10) Mário Linhares, em sua *História Literária do Ceará* (ed. da Federação das Academias de Letras do Brasil, Rio de Janeiro, 1948, p. 48) diz, textualmente: “A campanha abolicionista agitou as inteligências jovens, congregando jornalistas, poetas, escritores. Na redação d’O *Libertador* — reduto da brava pugna redentorista, partiu de João Lopes a idéia da fundação do Clube Literário”...
- (11) Azevedo, Sânzio, *Literatura Cearense*, publicação da Academia Cearense de Letras, Fortaleza, 1946, p. 90.
- (12) Azevedo, Sânzio, o. c., idem.
- (13) Barreira, Dolor, o. c., p. 119.

- (14) Studart, Barão de, *Dicionário Biobibliográfico Cearense* — 3<sup>o</sup> vol., Minerva, Fortaleza, 1915, p. 114.
- (15) Barreira, Dolor o.c., p. 126.
- (16) Sales, Antônio, *História da Literatura Cearense*, in "O Ceará", Antônio Martins Filho e Raimundo Girão, 3a. ed. Fortaleza, Instituto do Ceará, 1966. p. 260.
- (17) Sales, Antônio, o.c., idem.
- (18) Vieira. J. de Pontes, *A Figura Gentil de Antônio Sales*, Revista da Academia Cearense de Letras, 1941, p. 13.

*Mozart Soriano Aderaldo*

Mozart Soriano Aderaldo  
Da Academia Cearense de Letras

# A QUINZENA

PROPRIEDADE DO CLUB LITTERARIO

ANNO I

REDACÇÃO : JOÃO LOPES, A. MARTINS, ABEL GARCIA,  
J. DE BARCELLOS E J. OLYMPIO.

N.º 4

FORTALEZA, 15 DE JANEIRO DE 1887.

## SUMMARIO

*Expediente.*

*Preliminares* — JOÃO LOPES

*Origem da palavra Ceará* — PAULINO NOGUEIRA.

*Lumen-Numen* — VIRGILIO BRIGIDO.

*Corda sensível* — OLIVEIRA PAIVA.

*O Regresso* — JUVENAL GALENO.

*Os Quinze dias* — ANTONIO MARTINS.

*A Escola* — J. DE SERPA.

*Creanças* — JOSÉ OLYMPIO.

## EXPEDIENTE

A QUINZENA publica-se duas vezes por mez.

### Assignaturas

#### CAPITAL

Trimestre . . . . .	2\$000
Semestre . . . . .	4\$000
Anno . . . . .	8\$000

#### INTERIOR E PROVINCIAS

Semestre . . . . .	5\$000
Anno . . . . .	10\$000

#### ADMINISTRAÇÃO

Rua do Major Facundo 56

## PRELIMINARES

Não faltará quem considere arriscado, temerario mesmo, este empreendimento a que nos abalançamos.

Si na capital do imperio, metropole da civilisação sul americana, o meio não é propicio ás lettras e as publicações exclu-

sivamente litterarias mal podem, a custa de tenaz e mortificante sacrificio, romper a espessa crosta da indiferença publica para arrastar uma vida penosa e ephemera ; na provincia, aqui por estes recantos do norte, parece desatino quebrar a homogeneidade beatificamente rotineira da vida provincia-na, para escrever sobre lettras e artes e sciencias.

Vão assim objectar-nos os *homens praticos*, que, por pouco que saibam, sabem bellamente sentenciar *ex-cathedra* que o nosso publico é infenso, sinão hostile a isso de litteratura «que não bota ninguem para diante».

Não seremos nós quem conteste a desoladora verdade inspirada pela experiencia longa e fria do bom senso. Podemos mesmo subsidiar taes conceitos com observações proprias, em dez annos de jornalismo.

A imprensa partidaria, feita á imagem e semelhança da nossa sociedade essencialmente burgueza e votante, vive para ahi sabe Deus como, quasi a finar-se a mingua de alento, operando milagres de resistencia, a metter-se teimosamente pelos olhos do povo que lhe volta costas e convencidamente afirma que a boa politica é cada um em sua casa com sua mulher e seus filhos.

E, entretanto, é a imprensa partidaria quem abre caminho para os empregos, quem sagra benemeritos os amigos, quem traz pela rua da amargura os adversarios, quem institue tenentes-coroneis e destitue subdelegados.

Ficam, portanto, sabendo os *homens praticos*, que não somos ingenuos, que não temos peneira nos olhos, que não vemos tudo côr de rosa.

Sabemos d'ante-mão que muito caro nos vae custar cada um desses ephemeros prazeres intellectuaes, deliciosos prazeres que só comprehendel-os e poder aspiral-os é já uma fortuna immensa, um gaudio ineffavel.

Mas, para defrontar com essas desanimadoras convicções, temos no coração bom numero de esperanças que assentam na licção dos factos, pouco explicaveis, para nós ao menos, mas em todo caso verdadeiros e incontestaveis.

O Ceará apresenta o phenomeno de ser uma excepção á quietude bem-aventurada, que caracteriza todo o Brazil, exceptuando a côrte, S. Paulo e S. Pedro do Sul. Sem saber como e porque é radicalmente evolucionista o povo cearense.

Factos :

O trabalho livre foi ensaiado, acceito e adoptado entre nós, muito antes que o Visconde do Rio-Branco houvesse introduzido na legislação patria a aurea lei que estancou a derradeira fonte de procedencia do escravo ;

Pedro Pereira, o anonymo, precedeu de 29 annos Paranhos, o benemerito, na aspiração de liberdade do ventre escravo. Por indicação do conego Pinto creou fundo de emancipação a nossa lei orçamentaria 4 annos antes da de 28 de setembro ;

A eliminação do elemento servil foi decretada «em nome e pela vontade deste povo» quando ainda os governos só se dignavam referir á abolição do captiveiro para dizer que não cogitavam d'ella ;

O ensino primario dado pela mulher foi instituido pelas nossas assembléas, quando ainda não tinha passado de controversia pedagogica na maior parte do paiz ;

A adopção de melhoramentos adiantados no commercio e na pequena e pobre industria da provincia, fez-se sempre facilmente, naturalmente, sem *quebra-kilos* e sem levantamento do mulheril sertanejo, diabolica multiplicação de Maria da Fonte, que andou a dar cabellos brancos aos governos e colletes de couro aos povos d'outras regiões braziliás ;

Em relação a imprensa, e é este o ponto capital para a nossa argumentação, nota-se a mesma tendencia boa e progressista ;

Foi a Fortaleza, das cidades de provincia, a que fez segundo pelotão á vanguarda da imprensa fluminense, instituindo o jornal de dous vintens. *O Municipio*, de que temos saudosa recordação, foi o primeiro jornal que se vendeu na rua a 40 réis, depois da *Gazeta de Noticias*;

Outro facto de muita significação é a existencia prospera e gloriosa que teve a

*Fraternidade*, folha de combate, mais do que litteraria, na acepção commum do vocabulo, pois que era philosophica, critica, scientifica.

Esta não exprimia simplesmente uma brecha nos habitos da população pouco afeita a lettras. Significava uma reacção violenta, sem gradações, sem medida, contra crenças religiosas, cujo enraizamento no espirito publico é escusado encarecer e demonstrar.

Ora, nada mais natural do que, sobre os factos que ahi ficam apontados, constituir *A Quinzena* o castello de suas esperanças, de sua confiança mesmo no meio cujo gosto vae tentar, apresentando-se-lhe como publicação puramente litteraria.

O *Club*, de que é propriedade, confia muito que poderá mantel-a dentro do seu programma, o que não é facil, attendendo á pouca intensidade da vida litteraria entre nós, mas não é impossivel, em vista dos nobres estimulos que o levaram a constituir-se e animaram-no a deitar organo na imprensa.

Fallamos de programma sem que o formulassemos. Julgamol-o escusado, pois ficou escripto : *A Quinzena* é uma publicação puramente litteraria.

Digamos, entretanto, uma cousa que nos parece essencial : A redacção d'*A Quinzena* põe suas paginas a disposição de todas as intelligencias, reservando-se, porem, o direito de, com a maior franqueza proferir o seu veredictum approbativo ou condemnatorio dos trabalhos destinados á publicação.

Esta declaração pôde prevenir susceptibilidades, mas ha de tranquilisar as verdadeiras vocações, os moços de talento, de trabalho, capazes de comprehender a propria e a nossa responsabilidade.

O que levamos dito será sufficiente como cartão de nossa visita ao publico.

JOÃO LOPES.

#### ORIGEM DA PALAVRA 'CEARÁ'

*Ceará* é uma das palavras indigenas que mais interpretações tem tido:

*Primeira*:—*Canto da jandáia*; de *cémo* cantar forte, clamar, e de *ará* pequena arára ou periquito grasnador. J. de Alen-

car, *Iracéma*, pag. 163 e 173, Ayres do Casal, *Corographia Brazilica*, Tom, 2.º pag. 195.

*Segunda*:—Corruptella de *ciará*, nome que os indigenas davam á uma especie de papagaio. Milliet de S. Adolphe, *Diccionario Geographico do Brazil*, Verbo *Ceará*, Dr. Martius, *Glossaria Linguarum Braziliensium*, pag. 496.

Pompêo, *Diccionario Topographico e Estatistico da Provincia do Ceará*, limita-se a citar estas duas interpretações.

*Terceira*:—Corruptella de *suiá* caça, abundante nos arredores da enseada do Mucuripe. Pizarro, *Memoria Historica do Rio de Janeiro*, Tom. 8, pag. 221, nota 1.º, Faria, *Novo Diccionario da Lingua Portuguez*, verbo *Ceará*.

Milliet parece tambem não repellir esta interpretação.

*Quarta*:—*peque o caranguejo redondo ou do alagado*; de *Siará-mirim* ou *Syrag-mirim*, corruptella de *ciri-apuá*, depois por contracção —*ciri-á*, *ciriá*, *ceará*. Candido Mendes, *Memoria para a Historia do Maranhão*, Tom. 2.º *Introdução*, pag. 64, nota.

O Sr. Catunda nos seus recentes *Estudos de Historia do Ceará*, pag. 13, discordando das duas anteriores interpretações, abraça esta.

*Quinta*:—Finalmente o Sr. Capistrano de Abreu, na *Gazeta de Noticias da Corte*, n.º 270, de 27 de Setembro de 1886, a proposito do livro do Sr. Catunda, pronuncia-se deste modo:—«Poucos vocabulos tem sido interpretados de modos tão differentes, desde Alencar, que traduz por canto da jandáia, até Pompêo, que encontra nelle a significação de caça. O Sr. Catunda, adoptando a opinião de Candido Mendes, não nos parece ter sido mais feliz. E' preciso em primeiro logar saber se a palavra pertence ou não á lingua geral. Em segundo logar é preciso não esquecer que Ceará ou, como antigamente escreviam, Siará é o nome de um rio, do mesmo modo que Sitia e Siupé ainda o são hoje. Os trez nomes devem, pois, ser explicados juntos e a sua origem é provavelmente Cariry, lingua em que *azu* quer dizer agua.»

Não me posso conformar com qualquer dessas interpretações, apesar do subido respeito, que merecem seus autores.

A primeira, a principio, seduzio-me tanto que no meo *Vocabulario Indigena*

em uso no Ceará, acompanhado de explicações etymologicas, historicas, etc, trabalho que offereci ao *Instituto Historico e Geographico* do Rio de Janeiro, preferi-a, confesso, levado principalmente pela autoridade de Alencar, que na pagina citada afirma «ser essa etymologia a verdadeira e não só conforme com a tradição, mas com as regras da lingua.» Hoje, porem, depois de estudo mais calmo, parece-me até a menos preferivel.

Antes de tudo, não posso crer que o indigena, querendo dizer *canto da jandáia*, omittisse este ultimo vocabulo, puramente da sua lingua, embora alterado, para substituil-o por outro—*ará*—pequena arára ou periquito grasnador, que não pode dar ideia exacta desta ave; pois a jandáia nem é pequena arára nem periquito: é muito menor que aquella e muito maior que este; e o seu canto, por demais aspero e rude, jamais poderá exprimir, mesmo por onomatopêia, Ceará.

Depois, regra geral, o indigena compõe suas palavras, do mesmo modo que o inglez, pospóndo o possuidor á cousa possuida, por exemplo:—*Ubira-jára* senhor do cacete, de *ubira* cacete e *jára* senhor; tal como na lingua ingleza—*reform-club* club da reforma. Si, por tanto, Ceará significasse canto da jandáia, a sua formação seria contraria ás regras da lingua; deveria ser *ará-cémo* ou *aráce*, que não é forma tupica.

Menos colhe o elemento tradicional invocado; porque, si é certo que a tradição nos trouxe essa interpretação, é tambem certo que nos trouxe outras.

Quanto á segunda, nenhum chronista nos falla dessa especie de papagaio chamada *ciará*, como assevéra Candido Mendes. Gabriel Soares, o mais noticioso e veridico dos nossos chronistas, na autorisada opinião de Varnhagen (Visconde do Porto Seguro), nas suas *Noticias do Brazil*, pag. 87, apenas nos falla de uma ave, do tamanho de um papagaio, vivendo nas tócas das arvores, de cujo fructo se sustentava. Qual o nome, porém, não diz.

A terceira, nem parece séria, pois em tupi caça nunca foi *suiá*, mas *çoo*, *soo* ou *suu*, como se pode ver em todos os dictionarios da lingua, desde o do Dr. Martius até o do Dr. Gonçalves Dias.

A quarta presuppõe uma transformação, uma elaboração tão longa, lenta, tra-

balhosa e paciente que em nada se conforma com a indole do selvagem em tudo rapido, breve, ligeiro e expressivo.

Mas não é essa a menor difficuldade. O indigena, attestão todos os chronistas, não applicavam ás cousas ou ás pessoas si não nomes de objectos, que por qualquer forma o impressionassem. Ora, não é crível que o impressionasse de preferencia, em um litoral extenso e abundante de todas as especies de crustaceos, o *caranguejo pequeno e redondo*, a especie mais commum que ha! O proprio autor tão pouca confiança tem na sua interpretação que não duvida admittir outras em concurrencia, tirando-lhe assim o valor e o prestigio.

Tambem não posso convir em que o vocabulo tenha sua origem na lingua Cariry, como quer Capistrano de Abreu. Sem ligar importancia á confusão, que faz Roberto Southey, *Historia do Brazil*, Tom. 1.º pag. 318, de cariry ou kariri com kiriri, prefiro acceitar a opinião do sabio brasileiro Baptista Caetano, quando nos *Ensaios de Sciencia*, Tom. 1.º pag. 23, dá a tribu e a lingua kariri por diferentes de kiriri, lingua aquella na qual Maniani já havia composto uma grammatica e um cathecismo, e mais tarde o Padre Bernardo de Nantes um cathecismo tambem. Partindo, pois, da existencia de uma lingua kariri é facil de provar-se que o vacabulo é da lingua geral.

(Continúa)

PAULINO NOGUEIRA.

## LUMEN-NUMEN

Lucevan gli occhi suoi più ch'una stella.

DANTE.

Olha-me assim. . assim... Na profundeza  
Do teu sereno olhar immaculado  
Vejo tanto mysterio desvendado,  
Que as nevas obumbravam de incerteza!

Olha-me sempre assim. A voz das rosas,  
Dos ceos azues, dos montes, das estrellas,  
O hymnario do amor, em noites bellas,  
A musica das veigas perfumosas,

Os soluços do mar sobre os escolhos,  
Os madrigaes dos ninhos, o carpir  
Da vaga que na praia se revolve,

Tudo eu penso escutar, quando em teus olhos  
Vejo esse raio limpido lusir  
Illuminando a noite que me envolve.

VIRGILIO BRIGIDO.

## CORDA SENSIVEL

Um fardão de coronel estava enfiado sobre o espaldar da cadeira de balanço, e a pequena Maria, apertando na mão uma fatia de pão com manteiga, olhava extasiada. A côr azul escura da casimira, sob a claridade nocturna que enchia a sala, modelava macieza de velludo e fingia reflexos de rôxo. Nas hombreiras do fardão poisivam as dragonas massiças, de grande gala, com o seu chuveiro de torçães de ouro; e na frente o papo se escancarava, deixando ver a tela de *crochet*, com que se costuma proteger as mobilias. A um lado corriam-lhe os oito botões, cada um crescido como um olho de boi...

Mas, quando a pequena deu com o empastamento de condecorações que encobria lado a lado o peito ao fardão, não pôde resistir ao chamariz, e pondo um joelho á beira do assento e com os bracinhos estirados agarrando-se aos braços da cadeira, subiu, apesar do balanço. As mangas da farda começaram então um movimento de pendulo, roçando no tapete os canhões encastoados pelas pesadas divisas de coronel. O amor ao equilibrio forçou a pequena Maria a ir com a mão ao tope da cadeira, e ahi, olha lá manteiga pelas abas.

Acode 'naquella cabecinha castanha uma ligeira idéa de remorso, e o que ha de mais simples é deixar as coisas como estavam. A esse tempo brilhavam no escuro da rua, á altura do peitoril da janella, os olhos da filhinha do cabo de ordens, que espiava para dentro, pôde ser que arrastada pelo cheiro da ceia, cujos tirlintintins se ouvia. Que optimo desvio! E as duas começaram a conversar-se na janella, como pessoas sisudas; bem entendido, a pequena do cabo de ordens comendo o enfastiado pão com manteiga, a célebre fatia.

No dia seguinte, quando a criada veio sacudir os moveis, cahiu das nuvens, coitada! Cada rombo d'este tamanho, afóra uma porção de rendinhas, na casimira do fardão, de modo que a intertela e os re-